

APRESENTAÇÃO

A afirmação da literatura negro-brasileira nas últimas décadas produziu importantes deslocamentos nos estudos literários contemporâneos. Se, em um primeiro momento, o debate esteve voltado para questões de representatividade e visibilidade, hoje observa-se um movimento mais amplo: a emergência de obras e reflexões que tensionam os fundamentos epistemológicos da crítica literária e dos mecanismos de legitimação do saber.

É nesse horizonte que se insere o presente dossiê. Partimos do entendimento de que a literatura negro-brasileira não constitui apenas um campo temático ou identitário, mas um espaço de elaboração estética e teórica capaz de questionar categorias consolidadas da leitura literária. Ao deslocar para o centro experiências, memórias e subjetividades frequentemente marginalizadas, essa produção interroga as hierarquias que sustentaram a formação do cânone e dos discursos críticos sobre a literatura. Nessa perspectiva, o cânone literário pode ser compreendido como uma construção atravessada por relações de poder, na qual mulheres, sujeitos racializados e integrantes de grupos socialmente marginalizados historicamente ocuparam posições periféricas ou foram significativamente excluídos dos espaços de reconhecimento e legitimação.

A ideia de rasura, que orienta este volume, ultrapassa a noção de revisão ou substituição de narrativas. Trata-se, antes, de um gesto crítico que incide sobre os próprios regimes de produção do conhecimento, interrogando os pressupostos que definiram os limites do literário, os critérios de legitimidade estética e as condições de enunciação no campo cultural. Ao inscrever na linguagem experiências, memórias e sensibilidades marcadas pela racialização, essas escritas instauram outras possibilidades de inteligibilidade do mundo social, afirmando-se como locus de elaboração estética, crítica e teórica.

Tal perspectiva permite compreender a literatura negro-brasileira como um campo de insurgência estética, na medida em que altera os regimes de visibilidade e inteligibilidade que organizam a experiência literária. Nesse contexto, conceitos como escrevivência, oralitura, memória ancestral, lugar de fala, epistemicídio ou colonialidade deixaram de ocupar posições periféricas para se tornarem referências incontornáveis na compreensão da produção literária contemporânea, evidenciando a potência conceitual produzida no interior das experiências negras.

A noção de inconsciente estético, que integra o título deste dossiê, permite pensar a literatura para além de sua dimensão representacional. Interessa-nos compreender como determinadas formas, imagens, silêncios e regimes de sensibilidade inscrevem, na materialidade da escrita, experiências históricas que frequentemente escapam às narrativas oficiais. Nessa perspectiva, a literatura não apenas produz

discursos sobre o mundo social, mas também reorganiza os modos de percebê-lo, tornando visíveis sujeitos, memórias e experiências relegados às margens dos sistemas hegemônicos de significação.

Ao reunir pesquisas dedicadas a diferentes autores e autoras, obras e perspectivas críticas, este dossiê evidencia a vitalidade de um campo em permanente expansão. Os trabalhos aqui reunidos demonstram que a literatura negro-brasileira não apenas amplia o repertório da literatura nacional, mas participa ativamente da renovação dos debates sobre estética, crítica e políticas de representação. Mais do que um conjunto de estudos sobre a literatura negra, este volume reafirma a centralidade dessa produção para o pensamento literário contemporâneo e para a construção de outras formas de ler, interpretar e imaginar o mundo.

O dossiê é aberto pelo artigo “Escrevivência e partilha do sensível: corpo, violência e reconfiguração estética em Conceição Evaristo e Jarid Arraes”, em que Daniel Conte e Paula Terra Nassr analisam como as obras *Olhos d`água*, de Evaristo, e *Um buraco com meu nome*, de Arraes, reconfiguram os modos de representação da experiência negra na literatura brasileira ao não apenas tematizar sujeitos historicamente silenciados, mas, sobretudo, tensionar os fundamentos epistemológicos da teoria literária e incidir em uma prática de produção do sensível e reconfiguração do comum.

Na sequência, o artigo “Entre os escritos de Carolina e a poética de Conceição: a escrevivência como campo conceitual de afirmação da literatura afro-brasileira”, Jucelino Sales, Cácio José Ferreira e Jhenifer Santos abordam a produção literária de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo como âmbito de rasura teórica, insurgência e reivindicação contra-hegemônica do direito à literatura. Para isso, mobilizam as noções de escrevivência e oralitura como formas de fazer frente às epistemologias eurocêntricas ao convocar, através da experiência particular, uma dimensão coletiva e ao recriar a memória ancestral por meio da palavra e da imaginação criativa.

Em “Silêncio e a regulação do afeto: masculinidades negras em *Ponciá Vicêncio*”, as autoras Maria Aparecida Cruz de Oliveira e Maynara Kelly Paulino de Souza analisam as masculinidades negras no romance de Conceição Evaristo a partir das dinâmicas de silêncio e interdição do afeto, sendo tais dinâmicas abordadas como características que reproduzem e tensionam a colonialidade do ser, o racismo estrutural e o patriarcado, e argumentando no sentido de considerar o silêncio como tecnologia de regulação afetiva resultante da violência histórica em relação às subjetividades negras.

Voltando-se para a relação entre docência, memória e experiência negra, o artigo “Escrever a formação: docência, memória e transmissão em *É fogo!*, de Maria Helena do Sul”, Janniny G. Kierniew e Cláudia Bechara Fröhlich analisam a obra de Maria Helena Vargas da Silveira como entrecruzamento entre ficção e autobiografia mostrando que, ao articular memória, docência e experiência negra no sul do

Brasil, a autora evoca, a partir da experiência singular, a dimensão coletiva marcada por racismo, sexismo e desigualdades educacionais e, com isso, escreve e inscreve a docência como prática ética, política e afetiva. Para costurar a argumentação, dialogam com os conceitos de escrevivência, de Conceição Evaristo, oralitura e corpo-tela, de Leda Maria Martins, mostrando como a narrativa rasura discursos hegemônicos ao inscrever um nome próprio e uma ancestralidade.

No campo da educação, o artigo “A literatura como justiça social do colonizador reverso: ecos da pedagogia das encruzilhadas em *Eminência Parda*, de Emicida”, de Rogério Mendes Coelho e João Pedro da Cunha de Almeida, estabelece um diálogo entre a proposta de Luiz Rufino, da “pedagogia das encruzilhadas” e a música *Eminência Parda* de Emicida, discutindo como o compositor articula formas de contar a divindade iorubã, Exu, para mobilizar um projeto político, poético e educativo antirracista.

Em “A parte que se quer todo: sinceridade, metonímia e a urgência da particularidade em *Solitária*, de Eliana Alves Cruz”, Rafaela Rogério Cruz parte da discussão acerca da suposta fragilização do cuidado com a forma, em obras contemporâneas, como consequência do lugar privilegiado dado ao conteúdo, para discutir os contornos de uma estética negro-brasileira em relação com a ideia de identidade nacional e sua crise. Para tanto, se debruça sobre o romance *Solitária*, de Eliana Alves Cruz, argumentando em prol da noção de “sinceridade da condição” como resposta estética historicamente determinada, e sinalizando que o “excesso de expressividade” do romance contemporâneo opera como metonímia do contexto atual, e defende que ambos são características de uma estética negro-brasileira.

Sob uma perspectiva latino-americana, “*Cartas para mi abuela*: epistemologías negro-brasileiras desde los relatos sobre racismo”, José Alirio Peña Zerpa, Claritza Arlenet Peña Zerpa e Mixzaida Yelitza Peña Zerpa analisam a obra de Djamila Ribeiro como florescimento de uma epistemologia negro-brasileira na medida em que articula sua perspectiva intimista ao racismo estrutural, evocando noções como o reconhecimento de racismos internalizados e a desconstrução de estereótipos, e discutem as epistemologias negro-brasileiras enquanto resposta à hierarquia racial, explicitando suas estruturas desde posições contra-hegemônicas.

Com um olhar direcionado à formação de leitores, “Autoria negra feminina e formação do sujeito leitor: identidade, pertencimento e experiência literária”, de Jéssica Daiane Rangel Dullius, Fabiane Miranda, Juliana Aparecida Bohn, e Lovani Volmer, parte do conceito de escrevivência, em diálogo com o feminismo crítico e perspectivas decoloniais, para analisar a autoria negra feminina como espaço de formação leitora na medida em que promovem a reconfiguração dos modos de narrar, de ler e interpretar a realidade, contribuindo, assim, para a constituição de práticas de leitura plurais.

No romance *Torto Arado*, “De que modo elas agem e resistem? Personagens femininas e agência em *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior”, Adriana Cristina Aguiar Rodrigues e Giele Vieira dos Santos se propõe a analisar a agência de personagens femininas no romance de Itamar Vieira Junior, enfocando as formas de resistência e emancipação frente às opressões de gênero, raça e classe. Relações comunitárias, preservação da memória e práticas culturais compartilhadas são ressaltadas entre as estratégias dessa resistência pelas personagens, que tensionam estruturas hierarquizantes historicamente consolidadas.

Por sua vez, em “Kehinde uma voz insurgente em *Um Defeito de Cor*, de Ana Maria Gonçalves”, Elane da Silva Plácido analisa a relação entre discurso histórico e ficcional que se manifesta na voz da protagonista do romance de Ana Maria Gonçalves, e discute como tal relação se dá na forma de um entrecruzamento entre história e literatura que evidencia os gestos de resistência às opressões e silenciamentos desde a perspectiva de uma mulher negra no contexto do Brasil colonial.

Fechando o volume, “A literatura como espaço de inscrição: leituras de corpo desfeito de Jarid Arraes”, de Caroline Krüger, Sandra Torossian, Rafael de Siqueira Fredi e Samantha Frota Luconi, se propõe a analisar as relações entre literatura, escrita e violência a partir da obra *Corpo Desfeito*, de Jarid Arraes, interrogando como a escrita constitui espaço de inscrição e existência resultantes de experiências marcadas pela violência. Aborda a literatura como prática capaz de produzir linguagem no cenário em que a violência se manifesta em mecanismos de controle cotidianos, apagamento e negação da própria experiência, possibilitando, assim, sua circulação, memória e transmissão.

A partir dessa reunião de artigos, esperamos contribuir para o fortalecimento de um horizonte epistemológico plural, reconfigurado pelas insurgências, resistências e rasuras que a literatura negro-brasileira vem provocando no campo da Teoria da Literatura. Esperamos que este volume inspire outras leituras, diálogos e investigações, reafirmando o compromisso ético e político com outras formas de narrar, pensar e imaginar o presente e o porvir.

Organizadores:

Dr. Daniel Conte (Universidade Feevale)

Dra. Elen Karla Souza da Silva (Universidade Federal do Amazonas)

Dra. Gabriela de Lima Grecco (Universidade Complutense de Madrid)

Dra. Imara Bemfica Mineiro (Universidade Federal de Pernambuco)